



“The behaviour of being” - Pauliana Valente Pimentel

16 Janeiro / 5 Março 2016

Galeria das Salgadeiras

Diz-nos o dicionário, de forma um pouco abrangente e quase que por negação, que a juventude é aquele período que antecede a idade adulta. A vida, a experiência dela, sobretudo quando olhamos em retrospectiva, ensina-nos que a juventude é um momento especial da nossa existência, em que acreditamos convictamente que somos imortais e que um mundo melhor, de preferência à nossa medida, é possível. Com o andar dos anos, vamos ajustando, amiúde demasiado, essas nossas convicções aos dogmas e às regras da sociedade em que nos inserimos. Afinal, regressar à juventude, no seu sentido metafórico, pode ser também um sinal de resiliência e de não resignação. É nesse sentido que vai a minha interpretação desta exposição de Pauliana Valente Pimentel que, no seu título, confundi uma mensagem, aparentemente, subliminar. Um comportamento do “ser”, livre, sem preconceitos, em harmonia entre a Natureza e a prática artística nesse valor nobre que os artistas, felizmente, tantas vezes reclamam: o da verdade, da autenticidade e de uma generosa partilha de emoções, sensações, mensagens, vontades, enfim, naquilo que é a Vida que aspiram ser para sempre. Assim já havia acontecido no percurso de Pauliana Valente Pimentel com “The Passenger”, distinguida pela Sociedade Portuguesa de Autores em 2015 com Melhor Trabalho de Fotografia 2015, e onde retratou uma viagem de comboio com diversos artistas pela Europa. Assim já havia acontecido, ainda que explorando outras leituras, com “Jovens de Atenas” que nos trouxe o olhar, em 2012, anos antes do Grexit, dos jovens gregos sobre o que é a Democracia, precisamente no país onde ela nasceu na já, por muitos esquecida, Grécia Antiga. O tema da Juventude, as suas contradições, os seus sonhos e presságios, regressando à música de Chico Buarque, as suas lutas, têm sido recorrentes no percurso artístico de Pauliana Valente Pimentel e têm-se reflectido nestas e em outras séries.

Desta feita, a juventude encontra o seu território em terras algarvias, numa residência artística, apartada dos grandes centros urbanos, reflectindo sobre alguns dos desafios que actualmente se colocam à prática artística

contemporânea, como a necessidade do silêncio e de uma certa quietude, a procura de lugares de contemplação, o desenvolvimento em comunidade de artistas de geografias distintas, o regresso às nossas origens enquanto sociedade, uma certa suspensão do tempo na agitação constante dos nossos dias. Poderia ser Castro Marim o lugar sagrado e idílico para o desenvolvimento artístico?

A partir deste cenário artístico, Pauliana Valente Pimentel cria a sua própria narrativa onde os protagonistas são os artistas e a paisagem, num registo pessoal e autoral que se estende além do documental, dando origem a fotografias que reflectem a sua própria concepção do processo artístico, o seu e o dos outros. Dos pincéis ao cavalete, da pintura mural ao esculpir da madeira, da poesia à performance, adivinhando, através da fotografia, o que cada pausa ou momento de introspecção pode ter provocado nestes artistas, bem como a influência das terras algarvias na construção dos objectos artísticos. Um ambiente repleto de energia criativa, de grande quietude e serenidade exteriores, importantes que são ao processo criativo e ao emergir desse “being” que os artistas tanto buscam na sua actividade. E, atrever-me-ia a dizer, aqui o encontraram. Como dizia a nossa Sophia: “Que a arte não se torne para ti a compensação daquilo que não soubeste ser / Que não seja transferência nem refúgio / Nem deixes que o poema te adie ou divida: mas que seja / A verdade do teu inteiro estar terrestre. / Então construirás a tua casa na planície costeira / A meia distância entre montanha e mar / Construirás — como se diz — a casa térrea — / Construirás a partir do fundamento”. Que esta seja (uma, entre muitas) “casa térrea”.

Ana Matos

Lisboa, Janeiro de 2016